

V.21 nº44 (2025)

REVISTA DA

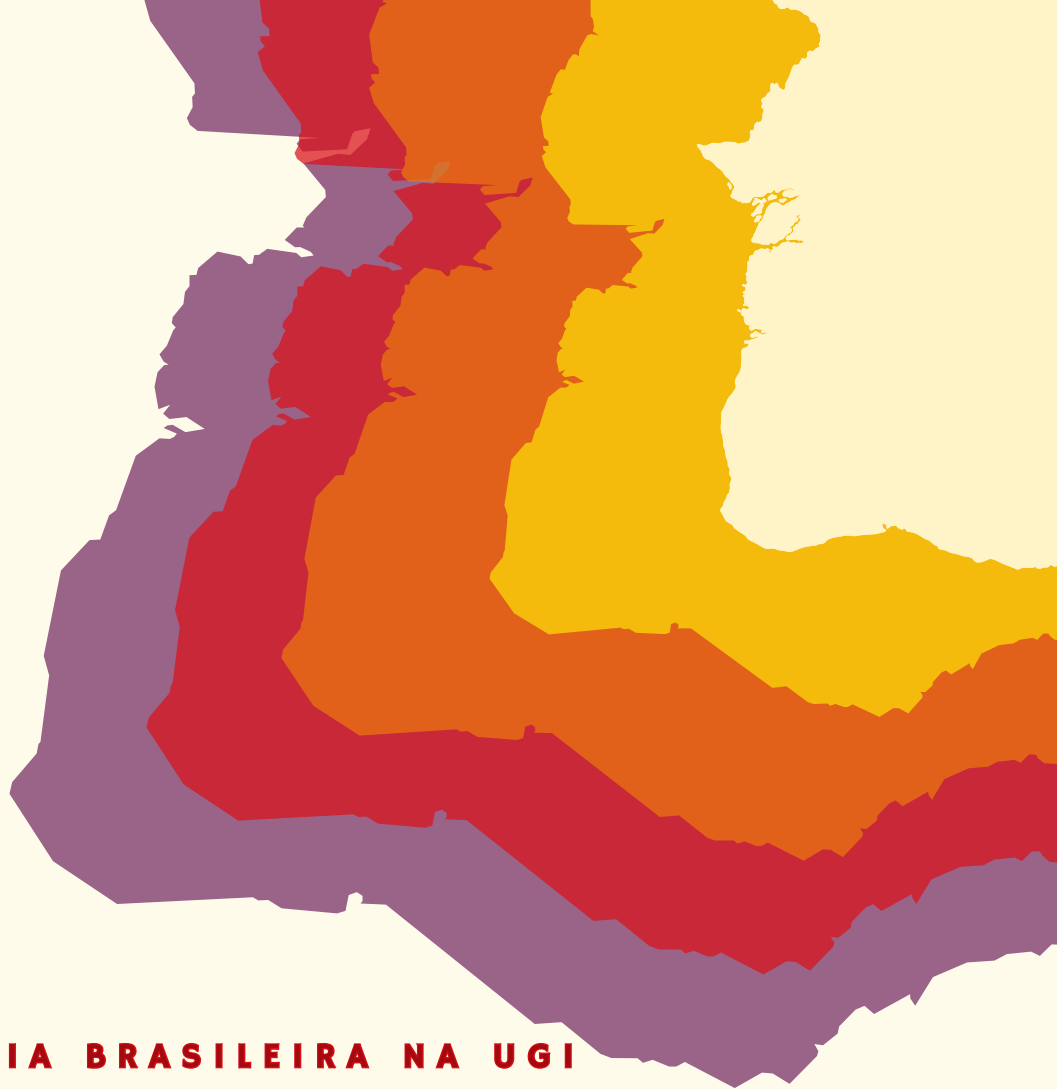
AN PE GE

ISSN 1679-768X

a

ANPEGE

Associação Nacional
de Pós-graduação e
Pesquisa em Geografia



DOSSIÊ GEOGRAFIA BRASILEIRA NA UGI

Entre a casa e o lugar: habitação, vizinhança e aspirações por mobilidade residencial em contextos de desigualdade

*Between home and place: housing, neighborhood and aspirations for
residential mobility in contexts of inequality*

*Entre casa y lugar: vivienda, barrio y aspiraciones de movilidad
residencial en contextos de desigualdad*

DOI: 10.5418/ra2025.v21i44.19762

JHONATAN TELLES RIBEIRO

Universidade Federal do Espírito Santo

EDNELSON MARIANO DOTA

Universidade Estadual de Campinas

V.21 nº44 (2025)
e-issn : 1679-768X

RESUMO: A mobilidade residencial é um fenômeno relevante e em ascensão para a dinâmica urbana e metropolitana, tanto para indivíduos e famílias quanto na lógica da produção do espaço. Este estudo investiga os condicionantes da aspiração por mobilidade residencial a partir de dados primários de 451 domicílios em áreas de expansão da Região Metropolitana da Grande Vitória, no Espírito Santo, Brasil. Os resultados revelam que, enquanto a aspiração por mobilidade residencial entre indivíduos em situação de alta vulnerabilidade é limitada por barreiras estruturais, entre os de baixa vulnerabilidade aparece como uma possibilidade concreta, em geral, utilizada para melhorar as condições de vida através da localização ou do deslocamento para contextos mais favoráveis. As aspirações potencializam a identificação de demandas dos grupos sociais, e permitem a compreensão dos interesses moldados pelas desigualdades nas grandes cidades.

Palavras-chave: mobilidade residencial; aspiração; habitação; vizinhança; metrópole.

ABSTRACT: Residential mobility is a relevant and growing phenomenon in urban and metropolitan dynamics, both for individuals and families as well as in the logic of spatial production. This study investigates the determinants of residential mobility aspirations based on primary data from 451 households in expansion areas of the Metropolitan Region of Greater Vitória, in Espírito Santo, Brazil. The results reveal that, while residential mobility aspirations among individuals in situations of high vulnerability are constrained by structural barriers, for those in low vulnerability they emerge as a concrete possibility—generally pursued to improve living conditions through relocation to more favorable contexts. Aspirations highlight the demands of different social groups and allow for a better understanding of interests shaped by urban inequalities.

Keywords: residential mobility; aspiration; housing; neighborhood; metropolis.

RESUMEN: La movilidad residencial es un fenómeno relevante y en crecimiento para la dinámica urbana y metropolitana, tanto para individuos y familias como en la lógica de producción del espacio. Este estudio investiga los condicionantes de la aspiración de movilidad residencial a partir de datos primarios de 451 hogares en



áreas de expansión de la Región Metropolitana de Grande Vitória, en Espírito Santo, Brasil. Los resultados revelan que, mientras las aspiraciones de movilidad residencial entre individuos en situación de alta vulnerabilidad están limitadas por barreras estructurales, entre aquellos con baja vulnerabilidad se presentan como una posibilidad concreta, generalmente utilizada para mejorar las condiciones de vida mediante la reubicación en contextos más favorables. Las aspiraciones permiten identificar demandas de los grupos sociales y comprender mejor los intereses moldeados por las desigualdades en las grandes ciudades.

Palabras clave: movilidad residencial; aspiración; vivienda; vecindario; metrópoli.

Introdução

A mobilidade residencial é um fenômeno multifacetado que envolve uma série de fatores individuais, estruturais e ambientais. Em contextos metropolitanos e de urbanização intensiva, as decisões sobre deslocamento residencial não ocorrem exclusivamente por interesses e desejos, mas também estão imersas nas desigualdades socioeconômicas e nas condições de vida que moldam as aspirações dos indivíduos em todas as áreas.

Apesar da centralidade da habitação como principal elemento motivador, as variáveis ligadas à escolha pelo deslocamento e pela habitação são muitas: estão relacionadas à dinâmica familiar e ao momento do ciclo de vida, às experiências individuais, às restrições econômicas e orçamentárias do grupo doméstico, à redução de riscos e/ou precariedade dentre outros (Dureau *et al.*, 2002; 2015; Dota *et al.*, 2023). Resulta, portanto, do entrelaçamento de questões estruturais da produção e reprodução do espaço urbano e das dinâmicas individuais e familiares.

A mobilidade residencial, quando analisada sob o prisma das desigualdades sociais e territoriais, revela um panorama de contrastes significativos entre grupos de alta e baixa vulnerabilidade. Para indivíduos em situação de alta vulnerabilidade, a aspiração por mobilidade residencial é ofuscada pela falta de condições para realizar o deslocamento habitacional. Em contrapartida, entre a população em situação de baixa vulnerabilidade, a aspiração por mobilidade residencial se apresenta como uma possibilidade concreta, marcada pela maior capacidade de realizar deslocamentos.

Este artigo analisa os condicionantes da aspiração por mobilidade residencial em contexto metropolitano, destacando como as variáveis individuais e familiares, como a condição de ocupação do domicílio, o arranjo domiciliar e a idade interagem com os fatores ambientais e socioeconômicos para moldar as escolhas ligadas aos deslocamentos habitacionais das famílias. A pesquisa adota uma abordagem

baseada na categoria de vulnerabilidade do lugar (Marandola Jr.; Hogan, 2009). Ao examinar essas dinâmicas, busca-se aprofundar o conhecimento em relação às aspirações por mobilidade residencial, fornecendo percepções sobre os obstáculos e as oportunidades do contexto metropolitano que envolvem o fenômeno.

Para analisar a aspiração por mobilidade residencial na metrópole, foram utilizados dados primários provenientes da pesquisa “Dinâmica demográfica familiar e padrão migratório no Brasil: transformações desde os anos 1990”, financiada pela Secretária Nacional da Família, por meio da CAPES, que entrevistou 451 responsáveis por domicílios na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) em 2022.

Constatou-se que a interseção entre as condições estruturais e as aspirações por mobilidade residencial evidencia a complexidade das decisões de deslocamento, revelando como o espaço vivido e as redes familiares e de vizinhança influenciam as aspirações por mobilidade residencial.

Aspiração por mobilidade residencial

Na atual distribuição espacial da população, as metrópoles concentram a maior parte dos movimentos populacionais. Se, em um primeiro momento, destacaram-se as migrações de longa distância, como os deslocamentos internacionais seguidos pela migração rural-urbana, hoje é no interior das metrópoles que predominam os fluxos populacionais, seja no Norte (Champion; Cooke; Shuttleworth, 2017) ou Sul Global (Galindo *et al.*, 2016), entre os quais se destaca a mobilidade residencial.

A mobilidade residencial transcende a mera mudança de domicílio, configurando-se como um processo decisório complexo no qual fatores como a estrutura familiar e as condições socioeconômicas influenciam as possibilidades de deslocamento e fixação (Lulle *et al.*, 2015; Aparício; Dota, 2024). Esse fenômeno resulta da interação entre as dinâmicas de agência individual, familiar e comunitária (De Haas, 2010; Iversen; Krishna; Sen, 2019; Aparício; Dota, 2024), em resposta a características da estrutura urbana e da economia regional, tais como o custo da moradia, a acessibilidade a serviços e as conjunturas socioeconômicas (Dureau *et al.*, 2015).

A relevância desse processo, conforme apontado por Cunha (1993), reside no fato de que a mobilidade residencial implica uma redistribuição espacial da população, influenciando tanto a ocupação quanto a produção do espaço metropolitano, além de intensificar os padrões de mobilidade pendular nas grandes áreas urbanas.

Diversos fatores condicionam a mobilidade nas metrópoles. Dota (2015) estrutura esses condicionantes em três níveis, macro, meso e micro, com destaque no último para o perfil sociodemográfico das pessoas. De maneira similar, Black *et al.* (2011) exploram os fatores que influenciam a migração, construindo um amplo *background* com foco nos fluxos mais expressivos. No entanto, é na abordagem de

Carling (2014) que encontramos uma conexão mais ampla entre fatores macro e micro, sobretudo pela leitura aprofundada da percepção individual da migração por meio do conceito de “aspiração por migração”.

A aspiração refere-se ao desejo ou intenção de migrar, um fator que impacta diretamente aqueles que a possuem. Para Carling (2014), a aspiração desempenha um papel central na decisão migratória, operando de duas maneiras interconectadas: as aspirações pessoais e os objetivos traçados, que podem influenciar na aspiração pela migração, sobretudo pela convicção que as pessoas podem ter de que a migração é algo desejável.

Esse fenômeno, contudo, transcende as perspectivas individuais, sendo moldado por condicionantes em múltiplas escalas. Assim, a aspiração, mesmo medida e analisada no nível individual, perpassa diferentes níveis de influência: os fatores macro, relacionados à estrutura socioeconômica e política; os fatores micro, ligados às características individuais da pessoa, e os fatores meso, que englobam a infraestrutura e os mecanismos que viabilizam ou restringem a mobilidade (Black *et al.*, 2011).

O modelo de habilidade/aspiração proposto por Carling (2002) identifica três tipos principais de migrantes. Primeiramente, há aqueles que possuem tanto a aspiração quanto a habilidade para migrar, concretizando o deslocamento. Em contraste, os não-migrantes involuntários são aqueles que aspiram à migração, mas carecem dos meios necessários para realizá-la. Por fim, os não-migrantes voluntários possuem a habilidade, mas não expressam o desejo de se deslocar.

Ao adaptar esse modelo, desenvolvido para a migração internacional, ao contexto metropolitano, evidencia-se seu potencial explicativo para elementos que outras abordagens não enxergam (Dota; Martins, 2023). Nesta adaptação, inclusive, torna-se necessário incorporar uma quarta categoria: a do migrante involuntário. Nesse caso, indivíduos que não aspiravam à mudança são compelidos a se deslocar, frequentemente devido a condições de vulnerabilidade socioeconômica e riscos, revelando uma forma de involuntariedade na ausência da aspiração por migração (Carling, 2002; Carling; Schewel, 2018; Dota; Martins, 2023).

No contexto da mobilidade residencial, a aspiração pela mudança pode estar associada a diferentes fatores. Há a busca por tranquilidade e qualidade ambiental, valorizando elementos como espaços verdes e uma atmosfera mais calma (Schultheiss; Pattaroni; Kaufmann, 2024). Outros priorizam a localização e as características do espaço construído (Opit; Witten; Kearns, 2019). Além disso, as trajetórias de vida e experiências migratórias passadas influenciam a aspiração por migração (Seyfarth; Osterhage; Scheiner, 2021; Bernard; Kalemba; Nguyen, 2022), ou seja, a aspiração pode ser influenciada por experiências vividas em períodos anteriores ao momento em que é medida e analisada.

Desta forma, a aspiração por mobilidade residencial e pela migração está intrinsecamente ligada a um conjunto complexo de fatores sociais, políticos, econômicos e ambientais. No entanto, ao analisar a

aspiração por mobilidade residencial no contexto metropolitano do Sul Global, especificamente no caso brasileiro, destaca-se a centralidade da questão habitacional num contexto de intensas desigualdades.

A perspectiva aqui desenvolvida compreende que analisar a aspiração por mobilidade residencial permite apreender dimensões não captadas nos estudos migratórios tradicionais, que analisam o movimento depois da ocorrência. Analisar a aspiração por um movimento que pode não ocorrer enfatiza dimensões não visíveis em momentos posteriores, tanto de deslocamento quanto de imobilidade. A relação entre a aspiração e a decisão pelo movimento não seguem necessariamente uma lógica coerente (Carling; Collins, 2018), e é nesse ponto que se vê o potencial para verificar outras relações.

No atual contexto, de intensas transformações demográficas, urbanas e regionais, a análise das aspirações por mobilidade residencial e migração aparece como meio de aprofundar o conhecimento do fenômeno, e buscar respostas em outros níveis de análise para compreender a complexidade e o seu caráter multifacetado.

Para além da residência: os condicionantes da mobilidade residencial

Para além da residência, que desempenha um papel crucial na mobilidade residencial, a família também exerce uma influência significativa (Dureau *et al.*, 2015; Aparício; Dota, 2024), tanto nesse quanto em outros fenômenos correlatos, como as aspirações por migração (Carling, 2002; Geist; McManus, 2008). Segundo Bilac (2003, p. 4), a família é definida como “uma forma específica de ocupação dos domicílios particulares, baseada na existência de laços sociais simultâneos ou alternativos entre seus moradores: o parentesco, a dependência doméstica ou, residualmente, normas de convivência.” Dessa forma, é possível que um arranjo domiciliar seja composto por mais de uma família, embora a maioria dos domicílios brasileiros seja formada por indivíduos com relações de parentesco (Aparício, 2018). O termo “domicílio” refere-se ao local de residência e às funções domésticas, enquanto “família” corresponde a um fenômeno social vinculado às relações de parentesco (Bender, 1967 *apud* Aparício, 2018).

O arranjo domiciliar, portanto, representa a organização de pessoas dentro de um domicílio e, nesse sentido, constitui o sujeito da mobilidade residencial. A aspiração, por sua vez, que configura a base social do desejo individual de migrar (Carling e Schewell, 2018), é moldada por múltiplos fatores de ordem microestrutural, em grande medida condicionados pelas relações estabelecidas entre as pessoas dentro do domicílio.

A família também serve como elo entre condicionantes micro e macro do fenômeno migratório, permitindo uma abordagem mais abrangente da mobilidade residencial e da migração (Carling, 2002; De Haas, 2010; Mulder, 2018). Nesse contexto, a localização do domicílio não apenas reflete aspectos sociais e

econômicos, sobretudo resultantes da produção do espaço a partir de loteamentos e unidades habitacionais, mas também influencia as decisões de deslocamento e as interações dentro da metrópole (Lulle *et al.*, 2015).

Para discutir as aspirações no contexto metropolitano, é fundamental diferenciar a mobilidade residencial de outros tipos de migração. Conforme Dota (2022), a mobilidade residencial está intrinsecamente ligada à habitação e à territorialidade, não se restringindo necessariamente aos limites formais entre municípios e regiões metropolitanas. Definição semelhante foi utilizada nas pesquisas coordenadas por Dureau (2002; 2015) e que visaram comparar os contextos metropolitanos da América Latina.

Abramo e Faria (1998) destacam que a decisão de mudar de residência é influenciada tanto por fatores individuais, como o ciclo de vida e a mobilidade social, quanto por fatores estruturais, como a relação entre renda, emprego e a disponibilidade de crédito imobiliário. A comparação entre os padrões de mobilidade residencial de diferentes estratos socioeconômicos revela motivações distintas: enquanto a população de baixa renda busca aluguéis acessíveis e oportunidades de ocupação em loteamentos informais ou clandestinos que permitem a autoconstrução, os grupos de renda mais elevada priorizam fatores relacionados ao ambiente físico e social (Aparício; Dota, 2024).

Mendonça (2012) aponta que as mobilidades dos grupos de maior renda tendem a ser ascendentes, direcionadas a áreas mais bem estruturadas, enquanto as mobilidades dos grupos de menor renda ocorrem, em muitos casos, de forma descendente, para áreas com menor infraestrutura urbana. Esse processo reflete a busca pela “casa própria” entre os estratos mais vulneráveis, como forma de redução de riscos.

A redução dos movimentos migratórios de longa distância evidencia que, cada vez mais, são os movimentos de curta distância, sobretudo os metropolitanos, que terão maior importância para as formas urbanas e metropolitanas, para a localização das pessoas na metrópole, e consequentemente a nova geografia da população metropolitana (Dota *et al.*, 2023) e das famílias (Martins, 2022). Diante disso, compreender as aspirações por mobilidade residencial avança o conhecimento de processos e tendências em relação à dinâmica habitacional nestes recortes territoriais.

Metodologia

Este artigo utiliza dados primários provenientes da pesquisa “Dinâmica demográfica familiar e padrão migratório no Brasil: transformações desde os anos 1990”, financiada pela Secretária Nacional da Família, por meio da CAPES. O recorte espacial do estudo concentra-se na Região Metropolitana da Grande Vitória, abrangendo bairros dos municípios de Cariacica, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória. A seleção desses bairros considerou a intensidade da migração intrametropolitana observada no Censo de 2010, bem como a

integração e complementaridade na dinâmica urbana da região, com foco nas áreas de expansão urbana destes municípios.

A pesquisa contemplou um total de 451 domicílios, dos quais 300 estavam em condição de alta vulnerabilidade e 151 em baixa vulnerabilidade, resultando na coleta de informações sobre 962 indivíduos em situação de alta vulnerabilidade e 422 em baixa vulnerabilidade. Os bairros analisados foram Colina de Laranjeiras, Central Carapina e São Diogo 2 (Serra), Flexal 2 (Cariacica), São Pedro (Vitória), Jabaeté (Vila Velha) e Nova Bethânia (Viana), sendo que apenas Colina de Laranjeiras foi classificado como de baixa vulnerabilidade.

Para analisar a aspiração por mobilidade residencial foram utilizadas principalmente as respostas às perguntas “*Você pretende se mudar nos próximos 12 meses?*” e “*Você pretende se mudar nos próximos 5 anos?*”. Além disso, para as respostas positivas, foram analisadas as motivações apontadas, registradas pelo entrevistador a partir de opções predefinidas, bem como as razões para a não aspiração caso as respostas fossem negativas, captadas por meio da pergunta aberta: “*Por que não pretende se mudar?*”. Outras variáveis extraídas do banco de dados e utilizadas para cruzamento de informações incluem idade, escolaridade, arranjo domiciliar e condição de ocupação do domicílio.

No total, 34,8% dos responsáveis por domicílio manifestaram aspiração por mobilidade residencial. Para compreender os fatores que impulsionam essas intenções, adotou-se uma abordagem baseada na vulnerabilidade do lugar (Marandola Jr.; Hogan, 2009), que destaca as condições socioeconômicas, geográficas e demográficas das localidades como condicionantes relevantes do cotidiano. Essa abordagem multidimensional permitiu uma análise dos fatores estruturais e individuais que influenciam a aspiração por mobilidade residencial.

Os perfis de aspiração foram analisados em dois horizontes temporais, diferenciando indivíduos em alta e baixa vulnerabilidade. Além disso, os dados foram desagregados segundo as variáveis idade, escolaridade, arranjo domiciliar e condição de ocupação do domicílio. As motivações para a aspiração por mobilidade residencial foram examinadas de acordo com essas categorias, identificando-se as razões principais e secundárias apontadas pelos entrevistados. Essas motivações foram classificadas nos seguintes grupos: mudanças por razões residenciais, familiares ou de rede de contatos, ambientais ou ligadas ao ciclo de vida, laborais ou outros fatores.

Adicionalmente, as respostas à pergunta aberta “*Por que não pretende se mudar?*” foram categorizadas em variáveis fechadas, alinhadas às tipologias de motivação para aspiração apontada acima.

Aspiração e vulnerabilidade: uma análise da mobilidade residencial na Região Metropolitana da Grande Vitória

Para debater empiricamente a dinâmica de aspiração, consideramos que a habilidade de migrar no contexto metropolitano está intrinsecamente ligada às desigualdades. Assim, os dados foram organizados distinguindo a população em bairros de baixa e alta vulnerabilidade.

Este estudo adota a categorização de Marandola Jr. e Hogan (2009), que sugerem uma análise a partir da microescala, considerando não apenas as características sociais e demográficas, mas também o espaço vivido. Eles refletem sobre a vulnerabilidade mediante o entrelaçamento entre a população e o ambiente, por isso reforçam ser “do lugar”. Torna-se crucial compreender a vulnerabilidade dos lugares pesquisados para explorar as características e interações, o que demanda imersão no campo, conforme destacado pelos autores, o que foi efetivamente realizado nesta pesquisa pela presença ativa dos pesquisadores no campo.

Colina de Laranjeiras destaca-se como a única localidade caracterizada por baixa vulnerabilidade. A história desse bairro está intrinsecamente vinculada a uma vila operária denominada Chico City, erguida em 1973. Apesar das diferenças sociais notáveis, a narrativa do bairro entrelaça-se com a trajetória da vila. No entanto, ao longo dos anos, Colina de Laranjeiras passou por transformações significativas que a distanciaram da realidade do Chico City (Ribeiro, 2011).

Em 2001 diversos loteamentos ao redor da vila foram regularizados, desencadeando a instalação de condomínios de classe média e alta no bairro. Esse processo de urbanização e desenvolvimento alterou a dinâmica de Colina de Laranjeiras, tornando-o um destino atrativo para migrantes durante as décadas de 2000 e 2010 (Ribeiro, 2011). Assim, percebe-se que a evolução do bairro reflete não somente uma mudança na sua estrutura física, mas também na sua composição socioeconômica, e acompanha em certa medida o que ocorreu em algumas porções específicas do município, que passou a atrair migrantes com maior renda e escolaridade, principalmente de Vitória (Dota; Ferreira, 2022).

Nas demais localidades abrangidas pela pesquisa há a condição de alta vulnerabilidade. A classificação considera fatores individuais e do espaço vivido, pois estes lugares se destacam não apenas pela alta vulnerabilidade socioeconômica, mas também pela precariedade acentuada na estrutura física. Notaram-se fatores como níveis mais baixos de escolaridade, maior presença de arranjos familiares estendidos e compostos, pela informalidade no trabalho, entre outros. A análise separada tem como objetivo verificar se existem diferenças representativas em termos de aspiração por mobilidade residencial segundo o contexto de vida da população.

Ao analisar os dados da Tabela 1 fica evidente que a aspiração por mobilidade residencial é mais acentuada para a população em situação de baixa vulnerabilidade. Esse resultado é coerente com o modelo de habilidade/aspiração de Carling e Schewell (2018). Para eles, a intensificação da aspiração por mobilidade residencial entre os que têm menor vulnerabilidade é plausível à luz dos incentivos superiores em comparação aos constrangimentos que enfrentam.

Tabela 1. Aspiração por mobilidade (%) em 12 meses, segundo idade, escolaridade, arranjo domiciliar e condição de ocupação do domicílio e o nível de vulnerabilidade. Áreas selecionadas da RMGV, 2022.

Variáveis	Alta Vulnerabilidade	Baixa Vulnerabilidade
Idade		
18 a 34	18,5	16,0
35 a 50	11,3	16,9
Mais de 51	8,2	9,0
Escolaridade		
Até ensino fundamental	8,8	22,2
Ensino médio ou mais	15,0	13,9
Arranjo domiciliar		
Casais com filhos	9,5	13,8
Casais sem filhos	4,9	15,8
Monoparental	21,5	0,0
Unipessoal	11,0	15,0
Estendido/composto	14,4	14,3
Condição de ocupação do domicílio		
Próprio	8,1	12,1
Alugado	24,5	24,1
Cedido	25,0	-
Outros	100,0	0,0

Fonte: MigraFamília. Tabulações especiais dos autores.

Dentre as variáveis que se destacam neste estágio inicial, observamos que a condição de ocupação do domicílio exerce um papel significativo, com aspiração mais pronunciada entre aqueles que residem na condição de aluguel de suas residências. No que diz respeito ao arranjo domiciliar, a monoparentalidade e os casais sem filhos também se destacam como diferencial entre os grupos de alta e baixa vulnerabilidade. A escolaridade “até ensino fundamental” também aparece como elemento diferenciador importante, enquanto a idade não apresenta diferenciais a se destacar.

Conforme a Tabela 2, a mobilidade por motivos residenciais representa 42,4% entre os de alta vulnerabilidade e 31,6% nos de baixa vulnerabilidade. Em ambos os casos a aquisição da casa própria é a de maior relevância. Todavia, entre os responsáveis pelo domicílio em situação de baixa vulnerabilidade, destaca-se também a necessidade de um imóvel maior.

Tabela 2. Motivos para aspiração por mobilidade (%), em 12 meses, segundo motivações principal e secundária e o nível de vulnerabilidade. Áreas selecionadas da RMGV, 2022.

Variáveis	Alta Vulnerabilidade	Baixa Vulnerabilidade
Mobilidade por motivos residenciais		
Motivo principal	42,4	31,6
Motivo secundário	6,3	20,0
Mobilidade por motivos familiares		
Motivo principal	21,2	0,0
Motivo secundário	25,0	0,0
Mobilidade por motivos ambientais ou de ciclo de vida		
Motivo principal	24,2	42,1
Motivo secundário	43,8	40,0
Mobilidade por motivos laborais		
Motivo principal	12,1	15,8
Motivo secundário	6,3	40,0
Mobilidade por outros motivos		
Motivo principal	0,0	10,5
Motivo secundário	18,8	0,0

Fonte: MigraFamília. Tabulações especiais dos autores.

Para Geist e McManus (2008), a busca por uma melhor qualidade de vida é a constante enquanto motivação, contudo, outras motivações nos âmbitos familiares, laborais, entre outras, também são presentes. Neste contexto, conforme a Tabela 2, a mobilidade por motivos familiares, e a mobilidade por motivos ambientais, ou de ciclo de vida, têm uma presença similar entre indivíduos de alta vulnerabilidade, representando, respectivamente, 21,2% e 24,2% dos principais.

Entre os indivíduos de alta vulnerabilidade, os motivos mais ressaltados estavam a relevância de ficar mais perto da família e/ou problemas advindos do imóvel (motivos residenciais), ou em busca de melhor qualidade de vida. Já entre os indivíduos de baixa vulnerabilidade, a maior motivação entre todos os motivos para a mobilidade estava os ambientais ou de ciclo de vida, 42,1%, no qual se encontra a busca por maior qualidade de vida.

Os arranjos monoparentais, que demonstram aspiração elevada (Cf. Tabela 1), englobam duas das principais motivações na categoria de alta vulnerabilidade: a busca por uma mudança no contexto residencial, saindo do aluguel, e a necessidade de proximidade familiar. Nesse cenário, destacam-se os

migrantes involuntários, que decorrentes de seu contexto de vulnerabilidade, involuntariamente não aspiram (Dota; Martins, 2023).

Na metrópole, os migrantes involuntários se destacam, principalmente, entre aqueles classificados em situação de alta vulnerabilidade, representando indivíduos que precisam se deslocar devido a condições financeiras ou à realidade local adversa, conforme o que também explicita Geist e McManus (2008) e Harvey *et al.* (2020).

Conforme evidenciado na Tabela 3, a tendência aponta para uma aspiração por mobilidade residencial mais pronunciada no período de 5 anos em comparação com um horizonte de 1 ano. Nesse contexto, é perceptível que a variável idade desempenha um papel relevante e diferenciada para os dois grupos. Essa observação está alinhada com as considerações de Bailey (2009), que destaca a importância do ciclo de vida nos estudos populacionais. Ao longo da jornada humana, inúmeros eventos como casamentos, divórcios, mudanças de emprego, entre outros, impactam as decisões e influenciam a aspiração por mobilidade (Seyfarth; Osterhage; Scheiner, 2021; Bernard; Kalemba; Nguyen, 2022).

Tabela 3. Aspiração por mobilidade residencial (%) em 5 anos, segundo idade, escolaridade, arranjo domiciliar, condição de ocupação do domicílio e o nível de vulnerabilidade. Áreas selecionadas da RMGV, 2022

Variáveis	Alta Vulnerabilidade	Baixa Vulnerabilidade
Idade		
18 a 34	27,5	56,0
35 a 50	20,5	39,0
Mais de 51	18,0	23,9
Escolaridade		
Até ensino fundamental	16,9	0
Ensino médio ou mais	27,7	39,0
Arranjo domiciliar		
Casais com filhos	22,3	40,2
Casais sem filhos	22,0	30,5
Monoparental	21,5	25,0
Unipessoal	19,6	42,1
Estendido/composto	19,4	38,7
Condição de ocupação do domicílio		
Próprio	18,4	36,8
Alugado	35,1	42,2
Cedido	33,0	-
Outros	0,0	25,0

Fonte: MigraFamília. Tabulações especiais dos autores.

A maior aspiração entre os indivíduos de baixa vulnerabilidade, em todas as categorias analisadas, pode ser explicada pelo fato de que as perspectivas mais favoráveis desses indivíduos proporcionam uma base sólida para aspirarem a uma mudança residencial, enquanto os que possuem maiores desafios sociais podem ser mais impactados por obstáculos prementes, como preposto por Abramo e Faria (1998), Barbon (2004), Mendonça (2012) e Dota (2015). Essa distinção ressalta a necessidade de considerar não apenas as aspirações individuais, mas também o contexto estrutural em que elas surgem, a fim de obter uma compreensão completa e precisa dos padrões de mobilidade.

Tabela 4. Motivos para aspiração por mobilidade (%) em 5 anos, segundo motivações principal e secundária e o nível de vulnerabilidade. Áreas selecionadas da RMGV, 2022.

Variáveis	Alta Vulnerabilidade	Baixa Vulnerabilidade
Mobilidade por motivos residenciais		
Motivo principal	21,1	31,9
Motivo secundário	8,8	15,4
Mobilidade por motivos familiares ou de contato		
Motivo principal	14,0	10,6
Motivo secundário	11,8	23,1
Mobilidade por motivos ambientais ou de ciclo de vida		
Motivo principal	49,1	34,0
Motivo secundário	41,2	46,2
Mobilidade por motivos laborais		
Motivo principal	1,8	17,0
Motivo secundário	8,8	15,4
Mobilidade por outros motivos		
Motivo principal	14,0	6,4
Motivo secundário	29,4	0,0

Fonte: MigraFamília. Tabulações especiais dos autores.

Refletindo esse contexto estrutural, que vai além do âmbito individual, encontram-se as motivações para a aspiração por mobilidade a longo prazo. Os motivos ambientais ou de ciclo de vida predominam em ambas as situações de vulnerabilidade, mas com nuances distintas: enquanto a população em alta vulnerabilidade aspira a mudar devido à insatisfação com o local de residência, aqueles de baixa

vulnerabilidade buscam uma melhor qualidade de vida, que reforça a diferença vivenciada no cotidiano pelos dois grupos.

Essas motivações são influenciadas não apenas por circunstâncias sociodemográficas, mas também pelo espaço vivido. No campo observacional, ficou evidente que os indivíduos de Colina de Laranjeiras residiam em condomínios fechados e apartamentos, enquanto os indivíduos em situação de alta vulnerabilidade habitavam bairros predominantemente caracterizados pela autoconstrução e infraestrutura precária, com escassez de equipamentos públicos, situação marcada pelas desigualdades proeminentes (Figuras 1 e 2).

Figura 1. Bairro São Pedro, Vitória



Fonte: Acervo MigraFamília, junho de 2022.

Figura 2. Bairro Jabaeté, Vila Velha



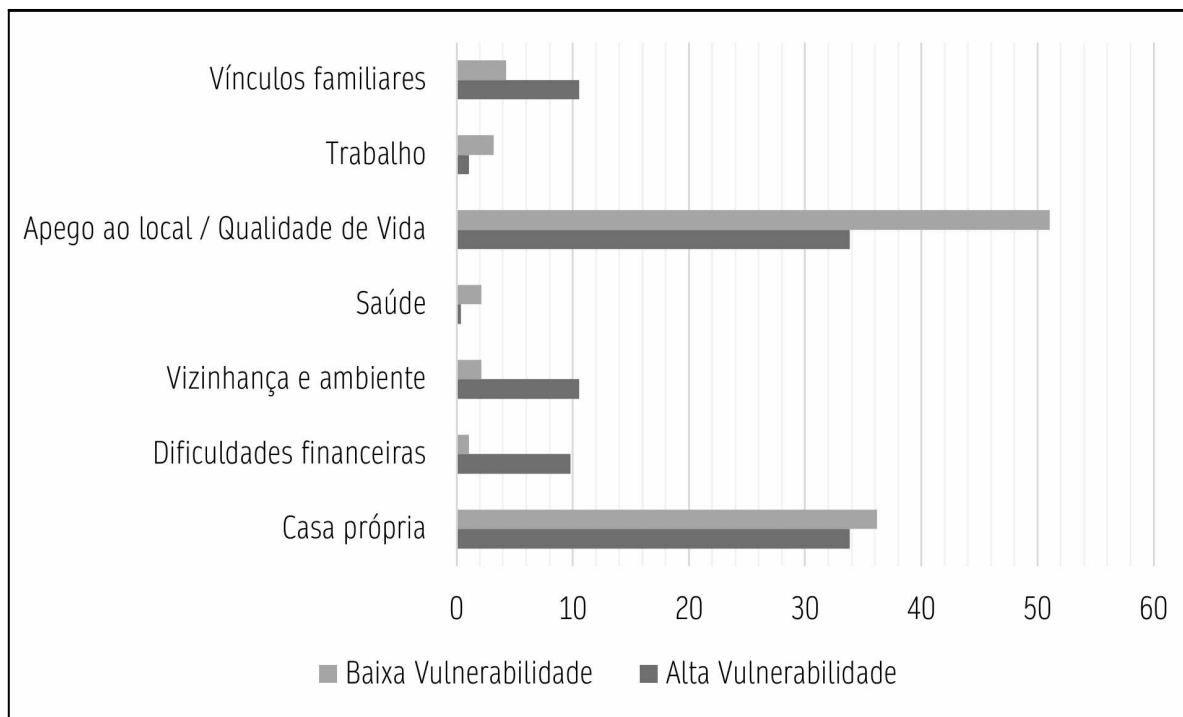
Fonte: Acervo MigraFamília, junho de 2022.

Entre aspiração e mobilidade: quais os condicionantes do deslocamento?

A ausência de aspiração pela mobilidade residencial pode ser apontada como resultado de um estado desejado, como pode se verificar no Gráfico 1. Portanto, em ambas as situações de vulnerabilidade, observa-se que a posse de uma residência própria é um dos principais motivos para a falta de aspiração.

Além disso, o apego à vizinhança, no caso dos residentes em áreas de alta vulnerabilidade, ou já desfrutar de uma boa qualidade de vida, no caso dos residentes em áreas de baixa vulnerabilidade, também emergem como importantes motivos para a decisão de não aspirar por mobilidade residencial. Nesse contexto, destaca-se o papel das redes, amigos e familiares, na satisfação com a moradia, conforme apontado por Park (2025) como fator para o apego ao local.

Gráfico 1. Motivos para não aspiração por mobilidade residencial. Áreas selecionadas da RMGV, 2022.



Fonte: MigraFamília. Tabulações especiais dos autores.

Dessa forma, as motivações, tanto para aspirar por mobilidade residencial quanto para não apresentar aspiração revelam-se bastante semelhantes: a residência, sobretudo na condição de proprietários e as relações de vizinhança estabelecidas emergem como aspectos fundamentais lembrados pelos dois grupos.

Esses resultados indicam que as necessidades dos diferentes grupos sociais que coexistem nas metrópoles aparecem como elementos centrais para compreender as diferentes dinâmicas que moldam as cidades. A população em situação de alta vulnerabilidade enfrentam constrangimentos que limitam suas aspirações, mas também possuem motivações intrínsecas para não aspirar, como laços de vizinhança, acesso à moradia ou mesmo baixa perspectiva de melhoria via deslocamento habitacional. Como mostrou Dota e Martins (2023), a mobilidade residencial, na perspectiva de agência, está atrelada à busca por mobilidade social, o que levam indivíduos e famílias a considerar o deslocamento frente a condição atual.

Por outro lado, os indivíduos em situação de menor vulnerabilidade tendem a estruturar suas trajetórias residenciais em função da qualidade de vida, migrando por etapas até alcançarem um padrão desejado, visto que este não pode ser plenamente viabilizado pelas intervenções públicas, muito mais conectado a amenidades, como identificado por Schultheiss, Pattaroni e Kaufmann (2024), e a localização e características do espaço construído (Opit; Witten; Kearns, 2019).

De modo geral, a aspiração por mobilidade residencial não necessariamente se traduz em deslocamento, mas é importante apontamento de tendência, desejo e intenção. Destaca-se, neste sentido, a

importância de analisar tanto os fatores que incentivam quanto aqueles que constroem a aspiração por mobilidade residencial.

Considerações finais

A análise das motivações por mobilidade residencial destacou que os motivos para apresentar aspiração por mobilidade residencial e para não apresentar esta aspiração são semelhantes: a residência, sobretudo quando proprietários, as relações de vizinhança estabelecidas, fortemente influenciadas pelo tempo de residência no lugar, assim como as perspectivas de avanços frente ao contexto atual emergem como aspectos fundamentais lembrados pelos dois grupos, seja em situação de alta quanto de baixa vulnerabilidade.

Entre os indivíduos em situação de alta vulnerabilidade, a falta de aspiração reflete uma ausência de escolha, condicionada por circunstâncias estruturais, conjunturais e de agência que limitam suas possibilidades de mudança. Essa ausência é uma consequência direta de barreiras impostas pela realidade socioeconômica e pelo contexto de vida (Dota; Martins, 2023), muitas vezes forçando deslocamentos involuntários (Harvey *et al.*, 2020). Nesse contexto, a vizinhança, o ambiente e as redes familiares desempenham um papel crucial (Park, 2025), sendo fundamentais para compreender o apego ao local e a resistência à mobilidade.

Por outro lado, entre os indivíduos de baixa vulnerabilidade, a aspiração por mobilidade residencial se traduz não apenas em um desejo, mas em uma preparação concreta para a mudança, uma vez que as condições estruturais e as habilidades necessárias para o deslocamento estão mais acessíveis. A qualidade de vida já desfrutada por esse grupo parece ser um fator condicionante na ausência de aspiração, refletindo uma estabilidade que reduz a propensão à aspiração. Isso sugere que as aspirações por mobilidade residencial estão profundamente entrelaçadas com o contexto socioeconômico e a posição social de cada de famílias e indivíduos.

Dessa forma, este trabalho evidencia como tanto a presença quanto a ausência de aspirações estão interligadas nos grupos sociais analisados. No entanto, destaca-se que, entre aqueles que possuem a habilidade, a mudança não é apenas um desejo, mas uma etapa viável para alcançar objetivos. Futuros trabalhos devem se debruçar sobre esses aspectos, explorando a relação entre aspiração e mobilidade em diferentes coortes em um período mais extenso, o que permitirá capturar com maior precisão as transformações nesse fenômeno.

A compreensão dessas dinâmicas é necessária para a formulação de políticas públicas direcionadas ao espaço urbano e à forma como ele é produzido. Essas políticas devem considerar os anseios dos diferentes

grupos, tanto daqueles que desejam permanecer quanto dos que buscam se deslocar, de maneira que ambos alcancem a qualidade de vida, ansiada igualmente.

Referências bibliográficas

ABRAMO, P.; FARIA, T. C. Mobilidade residencial na cidade do Rio de Janeiro: considerações sobre os setores formal e informal do mercado imobiliário. In: **Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da Associação Brasileira de Estudos Populacionais [ABEP]**. Caxambú, MG. Belo Horizonte: ABEP, 1998.

APARÍCIO, C. A. P. **Notas sobre a operacionalização dos conceitos de família e domicílio na PNAD e na PCV**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”, Universidade Estadual de Campinas (Nepo/Unicamp), 2018. (Textos Nepo, 85).

APARÍCIO, C. A. P.; DOTA, E. M. A dinâmica familiar como condicionante da mobilidade residencial no espaço metropolitano. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 41, p. e0277, 2024.

BARBON, A. L. Mobilidade residencial intra-urbana em grandes centros – Região Metropolitana de São Paulo – estudo de caso. In: **Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais [ABEP]**. Caxambú, MG. Belo Horizonte: ABEP, 2004.

BAILEY, A. J. Population geography: lifecourse matters. **Progress in Human Geography**, v. 33, n. 3, p. 407–418, 2009.

BERNARD, A.; KALEMBA, S.; NGUYEN, T. Do internal migration experiences facilitate migration intentions and behavior?. **Demography**, v. 59, n. 4, p. 1249-1274, 2022.

BILAC, E. D. **Estruturas familiares e padrões de residência**. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2003. Mimeografado.

BLACK, R.; ADGER, W. N.; ARNELL, N. W.; DERCON, S.; GEDDES, A.; THOMAS, D. The effect of environmental change on human migration. **Global Environmental Change**, v. 21, 2011.

CARLING, J. Migration in the age of involuntary immobility: Theoretical reflections and Cape Verdean experiences. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 28, n. 1, p. 5-42, 2002.

CARLING, J. The role of aspirations in migration. Determinants of International Migration, **International Migration Institute**, Universidade de Oxford, Oxford, 2014.

CARLING, J.; SCHEWEL, K. Revisiting aspiration and ability in international migration. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 44, n. 6, p. 945-963, 2018.

CHAMPION, T.; COOKE, T.; SHUTTLEWORTH, I. **Internal migration in the Developed World**. London: Routledge, 2017.

CUNHA, J. M. P. Mobilidade intrametropolitana: questões metodológicas para o seu estudo. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 10, n. 1/2, p. 161-170, 1993.

DE HAAS, H. Migration and development: a theoretical perspective. *International Migration Review*, v. 44, n. 1, p. 227-264, 2010.

DOTA, E. M. Mobilidade Residencial Intrametropolitana na RM de Campinas: uma abordagem a partir da distribuição espacial dos migrantes. **Tese de doutorado**, Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 2015.

DOTA, E. M. ; ROBAINA, I. M. M.; APARICIO, C. A. P.; MARTINS, I. M. M. (org.). **Família, habitação e mobilidade residencial na metrópole: contribuições a partir da geografia da população**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023. p. 39-56.

DOTA, E. M. Trajetórias de mobilidade residencial na periferia metropolitana da RM de Vitória: estratégias e conjunturas. **Terra Livre**, v. 2, n. 59, p. 337–368, 2022.

DOTA, E. M., FERREIRA, F. C. Produção imobiliária e migração em aglomerações urbanas: o caso de Serra na Região Metropolitana da Grande Vitória, Brasil. **Geo UERJ**, n. 40, e. 55199, 2022.

DOTA, E. M.; MARTINS, I. M. M. Aspiração por mobilidade residencial em grandes aglomerações: entre a mobilidade residencial e a mobilidade social. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 65–81, 2023.

DUREAU, F.; DUPONT, V.; LELIÈVRE, É.; LÉVY, J. P.; LULLE, T. **Metrópolis en movimiento: una comparación internacional**. Bogotá: Alfaomega Colombiana, p. 98-109, 2002.

DUREAU, F.; CONTRERAS, Y.; LE ROUX, G.; LULLE, T.; SILVA, H. M. B.; SOUCHAUD, S. Habitar la metrópoli: movilidades y elecciones residenciales. In: DUREAU, F.; LULLE, T.; SOUCHAUD, S.; CONTRERAS, Y. (eds.). **Movilidades y Cambio Urbano: Bogotá, Santiago y São Paulo**. Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 2015.

GALINDO, A. M. C.; VIGNOLI, J. R.; ACUÑA, M.; BARQUERO, J. A.; MACADAR, D.; CUNHA, J. M. P.; SOBRINO, J. Migración interna y cambios metropolitanos: ¿qué está pasando en las grandes ciudades de América Latina?. **Revista Latinoamericana de Población**, v. 10, n. 18, p. 7-41, 2016.

GEIST, C.; MCMANUS, P. A. Geographical mobility over the life course: motivations and implications. **Popul. Space Place**, v. 14, p. 283-303, 2008.

HARVEY, H.; FONG, K.; EDIN, K.; DELUCA, S. Forever Homes and Temporary Stops: Housing Search Logics and Residential Selection. **Social Forces**, v. 98, n. 4, p. 1498-1523, 2020.

IVERSEN, V.; KRISHNA, A.; SEN, K. Beyond poverty escapes—Social mobility in developing countries: A review article. **The World Bank Research Observer**, v. 34, n.2, 239–273, 2019

LULLE, T.; CONTRERAS, Y.; CUERVO, N.; FLÓREZ, C. E.; GOUSET, V.; FARAMILLO, S.; SILVA, H. M. B.; SÁENZ, H. El acceso a la vivienda en los hogares populares de las periferias metropolitanas: ¿lo informal es todavía un recurso frente a las restricciones de lo formal? In: DUREAU, F.; LULLE, T.; SOUCHAUD, S.; CONTRERAS, Y. (eds.). **Movilidades y Cambio Urbano: Bogotá, Santiago y São Paulo**. Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 2015.

MARTINS, I. M. M. Geografia da família, aspectos teóricos e abordagens qualitativas: uma introdução. **Geografares**, n. 34, 2022.

MARANDOLA Jr., E.; HOGAN, D. J. Vulnerabilidade do lugar vs. vulnerabilidade sociodemográfica: implicações metodológicas de uma velha questão. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 26, n. 2, p. 161–181, 2009.

MENDONÇA, J. G. Mobilidade residencial e dinâmica das transformações socioespaciais na metrópole belo-horizontina. **Cadernos Metrópole**, n. 09, p. 39–79, 2012.

MULDER, C. H. Putting family centre stage: Ties to nonresident family, internal migration, and immobility. **Demographic Research**, v. 39, p. 1151-1180, 2018.

OPIT, S.; WITTEN, K.; KEARNS, R. Housing pathways, aspirations and preferences of young adults within increasing urban density. **Housing Studies**, v. 35, n. 1, p. 123-142, 2020.


PARK, K. Satisfied with people or place?: A study of the relationship between social ties, place attachment, and residential satisfaction among relocatees. **Cities**, v. 159, p. 105746, 2025.

RIBEIRO, R. A. Formação socioespacial da antiga vila operária de Chico City, Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo. Orientador: Cláudio Luiz Zanotelli. 2011. 176 p. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.


SEYFARTH, E.; OSTERHAGE, F.; SCHEINER, J.. Really permanently urban? An empirical study of young adults' short- and long-term wishes for residential environment as a contribution to the debate on reurbanization. **Raumforschung und Raumordnung | Spatial Research and Planning**, v. 79, n. 5, p. 453-469, 2021.

SCHULTHEISS, M.; PATTARONI, L.; KAUFMANN, V. Planning urban proximities: an empirical analysis of how residential preferences conflict with the urban morphologies and residential practices. **Cities**, v. 152, p. 105215, 2024.

SOBRE OS AUTORES

Jhonatan Telles Ribeiro  - Mestrando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Possui MBA em Gestão Financeira e Orçamentária em Organizações Públicas pela Universidade Vila Velha (UVV). É graduado em Licenciatura em Geografia pela UFES, Bacharelado em Ciências Contábeis e Tecnólogo em Gestão Financeira pela UVV, além de estar cursando graduação em Ciências Econômicas no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Integra o Grupo de Pesquisa em Mobilidade Espacial da População (GPMEP) e o Grupo de Pesquisa em Inovação e Desenvolvimento (GPID), além de atuar como pesquisador no Laboratório de Análises Geográficas, Demográficas e da População (Lagedep/UFES) e no Laboratório do Desenvolvimento Capixaba (IFES).

E-mail: jhonatantellesribeiro@gmail.com

Ednelson Mariano Dota  - Geógrafo, doutor em Demografia. Professor do Instituto de Filosofia e Ciências humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e dos Programas de Pós-graduação em Demografia da Unicamp e Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Pesquisador do Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” (Nepo/Unicamp).

E-mail: ednelson@unicamp.br

Data de submissão: 01 de janeiro de 2024

Aceito para publicação: 23 de abril de 2025

Data de publicação: 06 de junho de 2025